

# Crescimento da classe rica no Pará é de 66%

## MOBILIDADE

Percentual é quase o dobro da média registrada em todo o País

IRINA CAVALCANTE  
Da Redação

Elas já foram definidas na história como uma exceção. Uma classe intermediária entre a nobreza e os camponeses, que não tinham voz e nem vez. No Brasil contemporâneo, é outra a história da classe média, cujo papel nunca se mostrou tão decisivo e representativo para o futuro das relações de consumo. O estudo Atlas do Bolso Brasileiro, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), divulgado na última sexta-feira, mostrou que a classe média já representa atualmente quase metade da população brasileira (49,22%) ou 91 milhões de pessoas.

A pesquisa é baseada nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) e traz um detalhamento de como se deu esse processo de mobilidade social no país nos últimos anos.

O detalhamento confirma pesquisa anterior do mesmo órgão que mostrou que, nos últimos cinco anos, cerca de

32 milhões de brasileiros ascenderam de classe social e passaram a integrar as classes A, B e C. Só no ano passado, 6,7 milhões de pessoas migraram de classe social.

No Pará, hoje, a maior parte da população poderia ser enquadrada na classe C (42,89%), com renda familiar entre R\$ 1.115 e R\$ 4.806. Em seguida aparece a classe D (com renda entre R\$ 768 a R\$ 1.114), com 32,69%; a classe E (com valores inferiores a R\$ 768), com 16,14%; e uma pequena parcela de integrantes da classe AB (com renda domiciliar superior a R\$ 4.807) que representa 8,28% da população.

O cenário é resultado de uma nova conjuntura que vem sendo desenhada no Estado nos últimos cinco anos. Para se ter uma idéia dessas mudanças, a classe que mais cresceu no período foi a mais rica, que evoluiu 66,6%. No Pará, o percentual de pessoas que ingressaram na classe AB, por exemplo, foi quase o dobro do comportamento da média brasileira (37,11%) e superior ao verificado na região norte (61,13%). Maior até do que o índice de pessoas que entraram na classe C, ou a classe média alta, que registrou um aumento de 45,24% entre 2003 e 2008, ou na classe D, que evoluiu 2,06%.

## Mais empregos e acesso ao crédito explicam parte da mobilidade social

Na análise do coordenador do Centro de Políticas Sociais da FGV, Marcelo Neri, o aumento da geração empregos e do acesso ao crédito explica parte dessas mudanças, mas outros fatores também foram fundamentais para esta migração. É o caso, por exemplo, dos aumentos do programa Bolsa-Família e dos programas não previdenciários que tendem a beneficiar predominantemente a classe E, que tem 16,25% de seus proventos nesta modalidade de renda.

Quando se fala na contribuição dos rendimentos previdenciários, a maior beneficiada é a classe C, com 20,73%. Entretanto, quando se faz a divisão entre os reajustes do regime previdenciário até o piso mínimo, quem sai ganhando é a classe D, com 12,66%, enquanto os reajustes de pensões e aposentadorias acima deste valor são beneficiados, sobretudo, os integrantes da classe AB (18,94%).

Atualmente, a maior parte do rendimento domiciliar dos paraenses (79,99%) é oriunda do trabalho. Outros 9,72% advêm das receitas de previdên-

cias acima de um salário mínimo; previdências até 1 salário mínimo (5,43%); transferências públicas (2,75%) e transferências privadas (2,11%).

## PROSPERIDADE

A vida do casal Fábio Antonio da Luz, 34, e Bene Monteiro, 38, evoluiu muito nos últimos cinco anos. De manobrista do supermercado, ele virou dono do próprio negócio, no ramo dos mototáxis. Ela deixou a vida de dona de casa, se profissionalizou e hoje é cabeleireira em um salão. E a casa deles, que antes tinha poucos móveis, hoje conta com dois computadores, quatro celulares, freezer, geladeira e vários itens tão comuns na vida moderna.

A mudança só foi possível à base do suor e do esforço diário do casal, mas que, sem dúvida nenhuma, resultou em sensível mudança no orçamento no final do mês. De R\$ 800 mensais, hoje eles vivem com quase R\$ mil por mês.

“Tive que financiar uma moto, não temos mais quase tempo para parar em casa, mas valeu à pena. Nos últimos cinco anos, melhoramos muito. Hoje, eu faço meus próprios horários, ela já tem o emprego dela e podemos dar mais coisas para os nossos filhos”, afirmou Fábio.



**Bene Montelro e Fábio Antonio:** ela se profissionalizou e ele passou de empregado a dono de seu próprio negócio

# Mais de 1 milhão ainda em extrema pobreza

Maria Lúcia Santana, 37 anos, e seu filho Pedro, de 8, sabem muito bem o que é passar fome na vida. Mas o filho caçula, Mateus, de 4 anos, não. A família Santana faz parte de uma grande parcela da população paraense que conseguiu cruzar a linha da extrema pobreza nos últimos cinco anos. De acordo com a Pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV) o percentual de pessoas que sobrevivem com menos de R\$ 137 por mês caiu no Pará 51,78%. Não foi o melhor índice do país (Amapá diminuiu 65,09%), mas foi bem acima da média nacional, estimada em 43,03%.

Em 2003, a classe E, como é classificada esta faixa de renda, abrangia 36,86% da população paraense, mas no ano passado este percentual ficou em 16,14%. Ainda assim, a pobreza ainda é grande: são mais de 1,1 milhão de pessoas nesta situação.

Para escapar da vida de miséria, Maria Lúcia teve que dar uma grande virada. "Minha vida melhorou muito nos últimos cinco anos, me separei do meu marido, que mais me dava prejuízo do que apoio, comecei a trabalhar, meus filhos estão estudando e consegui conquistar muitas coisas. Já passei fome na vida, mas hoje tenho o que comer", diz com orgulho.

A vida continua difícil. Afinal, a família sobrevive hoje com uma média de R\$ 500 (destes, R\$ 120 vêm do programa Bolsa-Família e o restante das vendas de roupas que Maria Lúcia comercializa de porta em porta, em uma casa no bairro do Tapanã, mas pelo menos o básico na geladeira não falta. "Graças a Deus, agora tem comida em casa. Passei a comer mais peixe, arroz, carne, porque uso o dinheiro da bolsa das crianças principalmente para melhorar a alimentação delas. Também pude colocar meus filhos na escola, porque antigamente vaga nas creches era mais difícil", disse.

## DESIGUALDADE

Este comportamento é reflexo de outro dado ainda mais animador. A desigualdade social no Brasil vem diminuindo entre 2001 e 2008. A pesquisa da FGV mostra que a renda acumulada dos 10% mais pobres da população brasileira cresceu 49,25% no período, patamar mais de sete vezes superior ao aumento da renda acumulada no período entre os 10% mais ricos da população (6,70%).

"Da mesma forma que a década de 90 foi a década da conquista da estabilidade, a de 80 a da redemocratização e a de 1970 a do crescimento, não

há na história brasileira, estatisticamente documentado, nada similar à redução da desigualdade observada desde 2001: crescemos um terço do crescimento dos anos 70, mas reduzimos mais a pobreza na década atual", afirma o pesquisador Marcelo Neri, no estudo Atlas do Bolso Brasileiro, da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Nos últimos cinco anos, o índice Gini, que mede a desigualdade, caiu 5,9% em todo país. Saindo de 0,5830 para 0,5486, em 2008. Na região Norte, este percentual de redução no período ficou em -6,4%, enquanto que o Pará caminhou num ritmo mais lento, acumulando -5,09%, fechando 2008 em 0,52%. (I. C.)